

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA  
CAMPUS II – CAMPINA GRANDE  
CENTRO DE HUMANIDADES  
DISCIPLINA: PRÁTICA DE ENSINO DE HISTÓRIA  
PROFESSOR: ALARCON AGRA DO Ó  
ALUNO: EDVALDO DE BRITO TRAJANO

## **A ESCOLA DO CONTROLE**

EDVALDO DE BRITO TRAJANO

CAMPINA GRANDE - PB

2002

# **A ESCOLA DO CONTROLE**

EDVALDO DE BRITO TRAJANO

**A ESCOLA DO CONTROLE**

**CAMPINA GRANDE – PB**

**2002**

EDVALDO DE BRITO TRAJANO

**A ESCOLA DO CONTROLE**

APROVADA EM \_\_\_\_\_ / \_\_\_\_\_ / \_\_\_\_\_

BANCA EXAMINADORA:

---

Orientador: Prof. Alarcon Agra do Ó

---

CAMPINA GRANDE - PB

2002

2002  
EDVALDO DE BRITO TRAJANO

## A ESCOLA DO CONTROLE

Trabalho apresentado no Curso de História, na disciplina Prática de Ensino de História, em cumprimento às exigências para a obtenção do título de graduado em Licenciatura em História.

Orientador: Prof. Alarcon Agra do Ó

CAMPINA GRANDE – PB

2002

## SUMÁRIO

Agradecimento.....	1
Apresentação.....	2
Introdução.....	3
<b>CAPÍTULO I</b>	
Sala de aula: indefinições, surpresas e alternativas.....	5
<b>CAPÍTULO II</b>	
A escola do controle.....	9
Conclusão.....	14
Referências Bibliográficas.....	15

# **AGRADECIMENTOS**

## **AGRADECIMENTOS**

Ao professor orientador que me ajudou a produzir este texto.

A todos, enfim que contribuíram com este trabalho: colegas do curso e professores da Escola Estadual da Liberdade.



# **APRESENTAÇÃO**

## APRESENTAÇÃO

O título deste trabalho, A Escola do Controle, responde ao resultado da observação e análise procedidas sobre as práticas cotidianas, sobretudo as práticas pedagógicas vivenciadas na Escola Estadual da Liberdade, o trabalho tem como objetivo tentar entender como se dá a construção e manifestação do controle escolar daquele estabelecimento de ensino, e como interage com ele o quadro de pessoal que compõe a referida escola.

Este trabalho visa também, conforme os capítulos contidos nele, relatar as minhas experiências tanto como aluno do Campus II – UFPB quanto estagiário na Escola Estadual da Liberdade. E analisar as práticas cotidianas.

Tanto no capítulo referente as minhas experiências como no que se refere as práticas cotidianas, o objetivo é o mesmo: analisar para tentar entender como funciona a questão do controle naquela escola, na tentativa de justificar o título deste texto.

## INTRODUÇÃO

Introduzo este texto relatando parte das minhas experiências quanto a questão dos momentos de indefinição que passei antes de conhecer a escola onde estagiei.

Num primeiro momento, antes de conhecer a Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Félix Araújo, onde estagiei, ainda quando discutimos na Universidade com o professor da Prática de Ensino de História, sobre o tema a ser trabalhado no trabalho de conclusão de curso (TCC), sobre a questão que deveria ser formulada ao tema, naquele momento eu pensava em trabalhar o tema da Violência Escolar, porém não tinha ainda em mente a problemática do tema, que questão formular.

Em momento algum passaria em minha cabeça discutir a questão do controle escolar, da disciplina, da vigilância. No segundo momento, nos meus primeiros contatos com a escola., professores e alunos, mesmo nesse momento já com a questão pronta para formular ao tema da violência, tive uma surpresa. O objeto de estudo que tomei para analisar, observar, que foi a escola onde estagiei, não me fornecia a resposta que a questão pedia, não me fornecia subsídios para a problemática levantada. De modo que isso me fez proceder de outra maneira, tomando outro caminho. Essa foi uma dentre as surpresas que tive. Mas foi também uma experiência positiva.

Então abandonei tanto o tema da violência como a problemática levantada. Esperei que o objeto de estudo, a escola me fornecesse o tema, para que paulatinamente, eu pudesse construir uma questão, uma pergunta.

Isto significa que tive que fazer a pergunta ao objeto não antes de conhecê-lo, mas no decorrer do caminho que faltava conhecer, que faltava percorrer. Nesse caso, a pergunta jamais poderia ser feita aprioristicamente, ela não podia preceder o que ainda faltava ser conhecido. Pois, não se deve emitir juízo antes de conhecer algo. Logo, a questão que formulei ao tema do Controle Escolar foi uma construção paulatina e não predeterminada, porque não dava para antever o resultado. A Escola Estadual da Liberdade me reservou esta surpresa.

Isto me deixou ainda mais convicto por dois motivos: o primeiro, é que não se deve levantar uma problemática antes de se mergulhar no objeto de estudo, sob pena de não encontrar a resposta esperada. O segundo, o aporte teórico tomado

aprioristicamente nem sempre é confirmado pelas fontes, enfim, pelo objeto a ser estudado. A teoria nem sempre se adequa a pesquisa, nem sempre é referendada por ela. Pode fornecer pistas, caminhos.

E o caminho que me levou a problemática do Controle Escolar foi exatamente a observação atenta que procedi para então poder chegar a conclusão de que a Escola Estadual da Liberdade gira em função do controle.

Mas, para isso, precisei mergulhar na escola, na sua dinâmica, no seu cotidiano. Procurei observar coisas aparentemente insignificantes, como um bom detetive de se fazer se quer obter frutos do seu trabalho de investigação. “Para aprender a realidade da vida cotidiana, em qualquer dos espaços/tempos em que ela se dá, é preciso está atente a tudo o que nela se passa, se acredita, se cria e se inova ou não”. (ALVES, 2000, p. 19).

# **CAPÍTULO I**

## **CAPÍTULO I**

### **SALA DE AULA: INDEFINIÇÕES, SURPRESAS E ALTERNATIVAS**

O cotidiano de uma sala de aula, seja na Academia ou na Escola, é sempre marcado de indefinições, surpresas, mas também de alternativas. O bom é exatamente podermos colher desses momentos resultados úteis, positivos, tanto como aluno quanto estagiário.

Na Academia, no Campus II da UFPB, principalmente como aluno, no último período do Curso de Graduação como futuro concluinte na habilitação em Licenciatura em História, na disciplina Prática de Ensino de História, as minhas experiências foram, acima de tudo, positivas embora, marcadas de muita tensão. Foi um momento em que as dúvidas e os questionamentos começaram a aflorar. A todo momento indagações e mais indagações. “Como será o estágio na escola?” “Será que vou me sair bem?” “Será que realmente desejo exercer a docência?”.

Passa-se anos e mais anos na Academia, fazendo um curso e muitas vezes questões assim não surgem. Era como se tudo estivesse se acumulando e esperando um momento certo, oportuno. Geralmente isto acontece no último período, no final de curso. Parece que só nos damos conta do que está ocorrendo ou para ocorrer pertinho do final, do último período. Isto ocorre para nos surpreender.

Me lembro até mesmo das primeiras surpresas que tive quando iniciei o curso. Surpresa com os textos trabalhados em sala de aula. A educação histórica (mas não somente ela) que tive me ensinava, me estimulava a decorar, a memorizar. Esta velha herança do 1º e 2º graus me colocava em choque com uma outra forma de estudar: refletir o texto, o tema, discuti-lo. Isto era coisa desconhecida para mim.

Daí as dificuldades que enfrentei, mas aos poucos fui superando-as. Uma outra coisa me surpreendia: a sala de aula da escola onde estagiei. Aquelas belas teorias discutidas na Academia pareciam não funcionar. Vi que há uma distância grande entre a Universidade e a Escola, vi também que pode haver uma aproximação entre ambas, embora saibamos que cada uma tem especificidades próprias, diferentes uma da outra.

O desafio agora, á minha frente era saber como aplicar na escola um pouco do que aprendi, na Academia. Esse era o principal desafio, tentar mudar ou melhorar as regras do jogo sem mudar os jogadores. Como trabalhar o conteúdo do livro didático que me foi entregue. Usar eu sabia que tinha que fazê-lo. A questão era saber usá-lo sem

Ter que segui-lo integralmente lembre-se que a Escola é controladora. Os professores (que me desculpem pela indiscrição), idem.

Ora, eu tinha que usar o livro didático porque era uma exigência do professor. Exigiu-se de mim que eu seguisse o conteúdo do livro, do capítulo. No entanto, eu preciso fazer algo novo, inovar com o livro que recebi. Mas para isso, tive que usar roteiros escritos, empreguei uma linguagem diferente da do livro mas inteligível. Discuti conceitos, generalizações. Enfim, joguei com os mesmos jogadores que encontrei, porém mudei a tática do jogo.

Isto não foi fácil. Veja: até mesmo no início, antes de começar o estágio, quando eu estava dando os meus primeiros passos para conhecer a escola, a programação dos assuntos do calendário escolar, quando eu ainda não sabia que assunto eu iria dá, a série ou as séries, me deram de imediato um livro didático, dizendo “Tome este livro, dê aulas por ele”. O livro era como se fosse o guia para me orientar. Professores e livros tentavam me controlar, me vigiar.

Outros professores, aqueles que pareciam um pouco liberal, aberto, por não usar o livro didático, me entregavam materiais e assuntos previamente preparadas e escolhidas por eles.

Outro desafio somava-se a esses que já mencionei. Quem será eu, estagiário, sem conhecer ou dominar os códigos da escola, da sala de aula? Outras indagações surgiam: será que as aulas que vou dá vão corresponder as expectativas dos alunos? Sem dúvida, eu sabia que devia fazer alguma coisa, mas nem tudo eu não devia e nem também podia. Se eu fosse professor titular naquela escola, as coisas para mim seriam outras. Pelo menos por outro professor eu não me sentiria controlado, vigiado, embora eu sabia que há nessa categoria hierarquia, pois a “ascendência natural dos professores não se dá apenas sobre os alunos. Dá-se também em relação a seus pares, especialmente em razão da idade e experiência”. (LOURENÇO FILHO, 1976, p.67).

Como estagiário não podia fazer o que desejaria, não podia dá um assunto diferente daquele orientado pelos professores titulares. Mas nada me impedia de dar um “jeitinho” incrementando ao assunto orientado algum acréscimo, alguma observação sobre o tema. Eu não devia me comportar como um discípulo que é integralmente fiel ao seu mestre. Isto seria sufocante para mim. Mais do que justo eu dá uma “escapadinha” ao que me era determinado de modo que não fosse percebido, mesmo que para isso eu tive de ser quase que invisível aos olhos dos agentes vigilantes.

Então, eu fazia mais ou menos assim: eu entregava o roteiro das aulas para os alunos, pedia a eles que lessem o assunto e fizessem resumo; elaborava questões abertas de modo que eles pudessem refletir sobre elas. Eu tinha a consciência que eu, não somente podia inovar, mas também devia. Eu não poderia ser, naquela escola, um mero reprodutor de assuntos contidos em livros que me foram entregues.

Eu teria que inovar, teria portanto, que saber usar o material que me foi entregue e não desprezá-lo. Fazer algo diferente, eu precisaria e assim fiz, discutir as idéias gerais, os conceitos. Assim fiz uso, mas um em uso diferente do livro didático. Dei um tom diferente do que poderia por outro ser dado.

Isto foi um desafio para mim, mas também foi um motivador de alternativas. Uma coisa suscitava a outra. Não se trata aqui de Ter sido feito milagre, já que isso é um coisa que somente as divindades ou as pessoas agraciadas são capazes. Trata-se sim, de construir solução, alternativa. Afinal de contas eu precisava deixar naquela escola, na sala de aula, a minha marca, a minha impressão. E essa marca foi impressa com os meios de que dispus. Mas não apenas com eles, mas também com um pouco do que eu aprendera na Academia.

Insisto que essas experiências foram bastantes proveitosas para mim. Aprendi muito. Me compensaram em todos os sentidos. Estas foram, portanto as coisas que mais me ensinaram. É claro que essas experiências não me ocorreram no primeiro contato com a escola. Elas são resultados de toda uma vivência minha naquele estabelecimento de ensino.

Logo no início do estágio, em uma das 7ª série que dei aula, eu enfrentei problemas de indisciplina de alguns alunos, mas tudo foi resolvido. Vi que isto era uma maneira deles darem uma relaxada uma vez que com o professor titular não seria possível. Aproveitando o momento oportuno, alguns se sentiam a vontade para liberar-se um pouco, trocaram contatos uns com outros.

Nos dias seguintes, as coisas voltaram ao seu estado normal, talvez quem sabe, se eles já nesse momento, já vissem em mim a figura do professor controlador, embora eu não fosse. Não quero dizer que isso seja bom ou ruim, positivo ou negativo. Não se está questionando isso.

Com o passar do tempo eu fui tendo a idéia de como saber transitar na escola, pois fui percebendo cada vez mais o controle que ela exercia. E aí comecei a entender o significado de muitas falas que escutava de professores, vice-diretores. Falas como



estas: “Aluno que vem a escola e não assiste aula, não fica na escola”. Todos vocês professores devem me comunicar qualquer anormalidade ocorrida em sala de aula.

Tudo isso fui percebendo paulatinamente, e aí comecei a relacionar uma coisa a outra, até perceber claramente a questão do controle. Fui entendendo as razões de terem os professores titulares me entregado o livro didático, os assuntos previamente escolhidos por eles. Fui entendendo o porque quando alguns dentre eles me falavam: Pegue este livro: este é o assunto que você deve dá”.

Vale salientar que esse controle não exerceu totalmente sobre mim, até porque eu não seria naquela escola uma pessoa inerte, passiva que não reagisse. Embora a minha reação não tenha ficado clara para a escola. Essa minha maneira visava a inovação das aulas, visava fazer algo diferente.

Estas foram as experiências que vivi como aluno (da Academia) e como estagiário dando aula em quatro turmas, duas 7<sup>a</sup> séries e um 2<sup>o</sup> ano, pela manhã e outra série, pela tarde, 3<sup>o</sup> ano.

## **CAPÍTULO II**

## CAPÍTULO II

### A ESCOLA DO CONTROLE

Apesar de estarmos vivendo em um mundo onde cada vez mais prega-se a liberdade, tolerância (embora não ocorra de fato); apesar das pessoas estarem cada vez mais dispostas a defenderem a sua liberdade, um fato me chamou atenção quando estagiei na Escola Estadual da Liberdade: o forte controle que é exercido por aquela escola sobre os seus alunos, que muitas vezes fere direitos legais como por exemplo; o direito de ir e vir, se entendido de forma abrangente, atenta e rigorosa.

Ir e vir, ou seja, se locomover dentro da escola tem horários certos marcados. Ir e vir significam entrar e / ou sair da sala de aula e/ou da escola, em horário permitido pela direção. Há muitos casos de limitação, mas que tem como objetivo o exercício do controle. Daí tudo, ou quase tudo naquela escola ser controlado, vigiado, disciplinado.

Mas, como a nossa sociedade não é democrática, seria quase impossível, ou mesmo um caso raro, uma exceção, a Escola Estadual da Liberdade não ter alguma das características de uma sociedade não-democrática. E o fato mais marcante, conforme pude observar na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Félix Araújo, foi o controle que ela exerce sobre os alunos, como veremos abaixo.

Adentrando no assunto propriamente dito começo aqui fazendo um mapeamento da escola, fazendo uma reflexão sobre o seu nome por qual é conhecida popularmente Estadual da Liberdade ou Escola Estadual da Liberdade.

Este nome (que não é oficial) não tem nada ou quase nada a ver com as práticas pedagógicas desenvolvidas pela escola. Ela tem esse nome não em razão dela ser liberal, flexível, mas tão somente por está situada no bairro chamado Liberdade de Campina Grande. O seu nome oficial é Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Félix Araújo, faz fronteira com os bairros Cruzeiro e Jardim Paulistano. A alcunha Estadual da Liberdade não tem nenhuma relação com a questão da liberdade. Que o diga os alunos que estudam lá. É uma escola de grande porte, com uma grande dimensão física e um grande número de alunos, talvez com o objetivo de poder atender aos bairros que lhe fazem fronteira.

Durante as minhas visitas que fiz aquela escola, as minhas idas e vindas e o tempo em que estagiei, ensinando história em turmas do ensino fundamental (duas 7<sup>as</sup> séries) e do ensino médio (um 2<sup>o</sup> ano e um 3<sup>o</sup> ano) comecei a observar de forma mais

atenta uma questão que pode não ter tido chamado a atenção de outros estagiários: a questão do controle da disciplina e da vigilância. Mas também fui percebendo que havia uma contrapartida a esse controle não tão forte com este. Essa contrapartida era exceção, era uma raridade ver alunos burlando as normas da escola, as regras. Não é que não houvesse os desviantes. Era poucos os astuciosos que ousavam burlar, desviar as interdições.

Nas minhas observações, investigações, mesmo que para isso, tive que ser discreto, procurei saber se o motivo da Escola Estadual da Liberdade ser tão rígida tinha algo a ver com a questão da depredação, danos ou coisa desse tipo que geralmente são mais vistos em outros estabelecimentos de ensino. No entanto, vi que não tinha nada a ver, até porque lá não se vê coisa de tipo.

Confesso que fiquei surpreso, pois geralmente o exercício de um forte controle, disciplina e vigilância e outros mecanismos de poder, são coisas de quartel, convento etc. Não me passaria pela mente que uma escola nos tempos de hoje, e ainda mais no Brasil onde muitos estabelecimentos de ensino são depredados, danificados, pixados-fosse tão rígida, como demonstra ser a Escola da Liberdade. Não é que eu esteja negando que nas escolas não hajam normas que as regem. “Muitos processos disciplinares existiam há muito tempo: nos conventos, nos exércitos, nas oficinas também. Mas as disciplinas se tornaram no decorrer dos séculos XVII e XVIII fórmulas gerais de dominação.” (FOUCAULT, 1993, p. 126).

Isto me fez quebrar um estereótipo que é muito corrente: as escolas de periferia são todas iguais. A Escola Estadual da Liberdade me mostrou exatamente o contrário. Todos os dias lá tem aula; relaxamento, danos, depredação são coisas raras. Lá o controle é a sua marca registrada. Disciplina, vigilância são coisas muito presentes naquela escola.

Essa rigidez não significa, pelo menos lá obstáculo para quem pretende estudar naquela escola, ou para se continuar estudando. Se o corpo discente quase não reage contra a rigidez, isso também se estende ao corpo docente. A escola quase não enfrenta problema com a questão da frequência. Todos os dias estão lá o diretor, a vice-diretora, a supervisora, o pessoal que cuida dos serviços gerais. Idem os professores e os alunos. Todos, com raríssima exceção, são pontuais.

Logo cedo, pela manhã estão lá, na escola, os agentes vigilantes, com lápis e papel na mão para registrar, anotar tudo o que venha acontecer de anormal na escola, por exemplo, falta de aluno às aulas, alguma indisciplina, etc.

Se vê frequentemente, o diretor, adjunto, a supervisão passando em volta dos banheiros, biblioteca, salas de aula, cujo objetivo é fiscalizar, observar o andamento das coisas da escola. Isto é uma questão de controle das atividades de cada um. Também não era uma coisa inédita naquela escola. “Durante séculos, as ordens religiosas foram mestres da disciplina: eram os especialistas do tempo, grandes técnicos do ritmo e das atividades regulares (Ibid, p.137).

Todos os alunos, salvo alguma exceção, estão dentro da escola, mais precisamente dentro das salas de aula, uniformizados, com suas fardinhas. É coisa rara vê algum aluno sem farda. O seu uso é uma exigência da escola. Cheguei a presenciar um aluno, que por algum motivo se encontrava sem a farda, ser chamado a atenção, ser advertido, perante outros alunos, em um corredor da escola. Aquele espaço, o corredor tinha naquele momento, um significado: o de tornar público e notório aquela advertência, para que todos pudessem ver, principalmente os alunos.

Daí me perguntei novamente: essa exigência é devido a quê? Será que é pelo fato de se poder identificar quem é aluno ou não. Conclui que não era simplesmente por essa razão. A farda servia muito mais do que um meio de identificação. Ela expressava um valor simbólico; ela fazia com que o aluno se reconhecesse como tal. O não uso dela expressava uma quebra da hierarquia, fazendo com que o aluno se sentisse em pé de igualdade com o diretor, o professor, pelo menos em trajés. A farda estabelecia uma distância entre alunos e demais pessoas que integram aquela escola.

Percebe-se que aquela unidade de ensino é constituída por toda uma rede hierárquica, bem definida onde cada pessoa procura ocupar o seu espaço, exercer a sua função. Cada um ocupa o seu respectivo espaço conformidade a atividade que exerce. Espaço e função são coisas bem definidas, bem demarcadas que guardam entre si, uma relação.

Assim, o vigia, que é também o porteiro da escola, procura preencher todo o seu tempo no lugar que lhe é determinado, designado pela função. O espaço que ocupa tem a ver com a função, o tipo de atividade que exerce. Isto faz com que ele, o vigia não se distancie do portão de entrada e saída. O espaço físico que vai do portão para o corredor que dá acesso a secretaria, diretoria e salas de aulas, é de inteira responsabilidade sua. O controle do portão, aliás dos dois portões de entrada e saída, abrindo-os os fechando-os em horários certos, marcados. Eles sempre vivem fechados á cadeados, pois a sensação que a escola está segura. “A organização do espaço determinou lugares individuais, tornou possível o controle de cada um (...). Fez funcionar o espaço escolar como uma

**REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

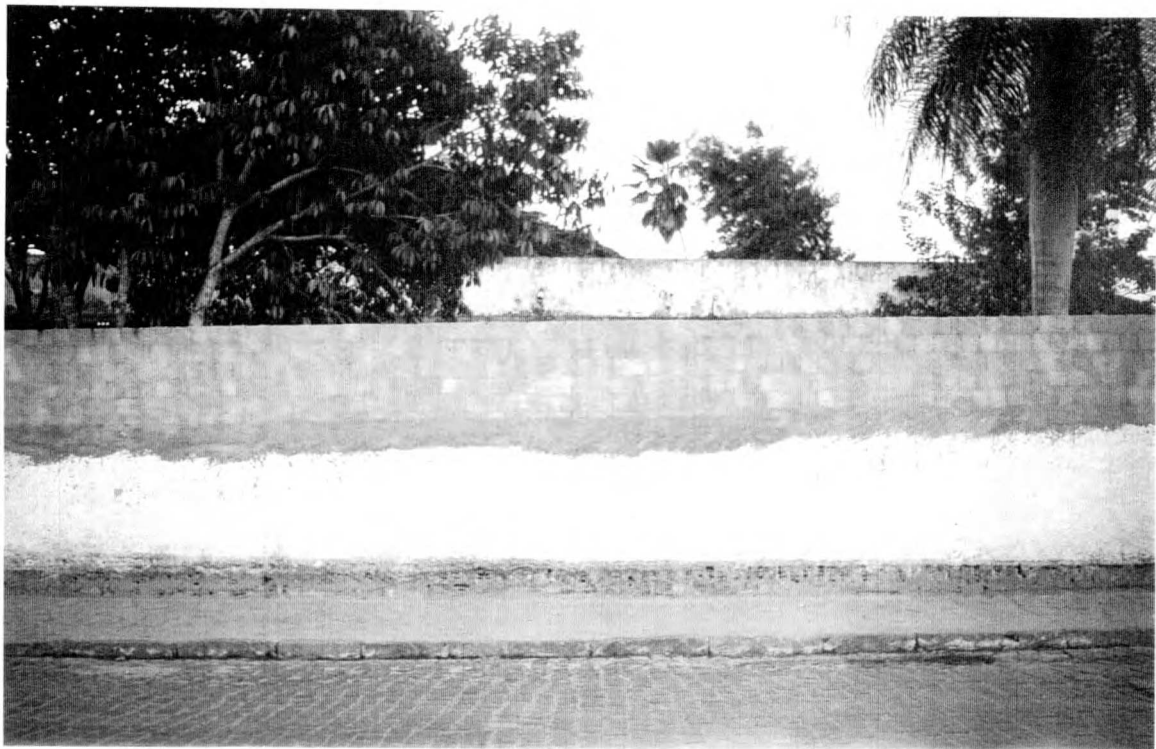
CERTEAU, Michel de. A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer / Michel de Certeau; Tradução de Ephraim Ferreira Alves – Petrópolis, RJ: Vozes, 1984.

FOUCAULT, Michel. Vigiar e Punir: nascimento da prisão; Tradução de Raquel Ramalhe. Petrópolis, Vozes, 1987.

GUIMARÃES, Aura Maria. Vigilância, Punição e depredação escolar. 2ª ed. Campinas: Papirus, 1988.

LOURENÇO FILHO, Manoel Bergstron. Organização e Administração Escolar: Curso básico. [par] M.B Lourenço Filho. 7ª ed. Ver. e ampl. Pela profa. Leda Maria Silva Lourenço. São Paulo; Melhoramentos, Brasília, INL, 1976.

# **A N E X O S**





## PLANO DE AULA

TURMA: 7ª B

TURNO: MANHÃ

**OBJETIVO GERAL:** Nesta turma serão dadas apenas duas aulas, onde se terá como objetivo: discutir com os alunos o processo de melhoria urbana dos mesopotâmicos, entendendo as mudanças na estrutura de poder.

- Discutir/refletir o processo de formação dos primeiros impérios, tentando entender que esse processo é marcado por sucessivas tomadas de poder.

### CONTEÚDO:

- I. A revolução urbana
- II. Os primeiros impérios

**METODOLOGIA:** Aula expositiva com aplicação de atividades extra classe, ou seja, estudo dirigido.

**RECURSOS DIDÁTICOS:** Quadro de giz, roteiro de aula.

### BIBLIOGRAFIA:

VILLA, Marcos Antonio e FURTADO, Joaci Pereira. História Geral: Dos primeiros humanos a crise da Europa Medieval. 1.ed. São Paulo: Moderna, 2001. Pp.34-36, v.1.

## CONTEÚDOS:

- I. Mesopotâmia: Terra entre rios
- II. Crescente Fértil: núcleo do processo civilizatório
- III. Fontes de estudos: textos gregos, latinos, bíblia e escavações arqueológicas.
- IV. Os rios e a organização econômica.
- V. A revolução urbana.
- VI. Os primeiros impérios.

## METODOLOGIA:

Aula expositiva com aplicação de atividades, extra classe, tais resumos, questionários, estudo dirigido.

RECURSOS DIDÁTICOS: Quadro de giz, roteiro de aula.

## BIBLIOGRAFIA:

VILLA, Marcos Antonio e FURTADO, Joaci Pereira. História Geral: Dos primeiros humanos a crise da Europa Medieval. 1.ed. São Paulo: Moderna, 2001. Pp.32-40, v.1.

## **PLANO DE AULA**

TURMA: 7ª

TURNO: MANHÃ

**OBJETIVO GERAL:** O tema a ser trabalhado durante as quatro aulas que serão dadas a esta turma, é sobre a Mesopotâmia. E tem como objetivo geral tentar entender a organização sócio-política e econômica daquela civilização.

**OBJETIVOS ESPECÍFICOS:** Cada aula terá o seu objetivo específico referente aos conteúdos espera-se que os alunos sejam capazes de:

- Entender o significado do nome Mesopotâmia, a sua localização geográfica e as fontes de estudos de que se valeram os estudiosos.
- Entender a importância dos rios Tigre e Eufrates na vida econômica dos mesopotâmicos.
- Entender o processo de melhoria humana dos mesopotâmicos.
- Discutir / refletir o processo de formação dos primeiros impérios, tentando entender que esse processo é marcado por sucessivas tomadas de poder.

## PLANO DE AULA

TURMA: 2º ANO

TURNOS: MANHÃ

**OBJETIVO GERAL:** Nestas duas aulas, esperamos que os alunos sejam capazes de entender o papel dos reformistas como uma ação de ruptura que divide a Igreja Romana. Entender também a Contra-Reforma como uma resposta que a Igreja Católica dá a Reforma Protestante. E ainda como um momento em que a Igreja repensa o seu papel na sociedade europeia cristã.

### CONTEÚDO:

- I. A Reforma de Lutero
- II. A Reforma de Calvino
- III. A Reforma Anglicana
- IV. A Reação da Igreja Católica
- V. Documento Básico
- VI. Lutero – A doutrina da Justificação pela fé
- VII. Calvino – A doutrina da predestinação
- VIII. A contra – reforma

## PLANO DE AULA

TURMA: 2º ANO

TURNO: MANHÃ

**OBJETIVO GERAL:** Nesta primeira aula farei uma discussão sobre o período que antecedeu a Reforma Protestante como o objetivo de tentar entender que o início de uma ação em favor de uma reforma religiosa é anterior aos reformistas protestantes.

### OBJETIVOS ESPECÍFICOS:

- Discutir as propostas de reformas
- Discutir o período anterior a reforma como sendo marcado por crises econômicas, políticas e morais.
- Discutir as alternativas dada pela igreja para solucionar a crise por qual estava passando.

### CONTEÚDO:

- I. A época da reforma
- II. A trilogia de catástrofes
- III. Revoltas, motins, sublevações
- IV. A crise dos valores sociais e religiosos

### METODOLOGIA

Aula expositiva com atividade extra classe tipo estudo dirigido

**RECURSOS DIDÁTICOS:** Quadro de giz, roteiro de aula

### BIBLIOGRAFIA:

LUIZETTO, Flávio, Reformas Religiosas. São Paulo: Contexto, 1989 – (Repensando a História), pp. 13 a 21.

## PLANO DE AULA

TURMA: 2º ANO

TURNOS: TARDE

**OBJETIVO GERAL:** Entender ao longo das três aulas que serão ministradas, a primeira guerra mundial como um conflito que envolveu as potências imperialistas européias na luta por uma redivisão do mundo colonial e por uma nova divisão dos mercados.

### OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Entender o processo de concorrência por mercados, matéria-prima, mão-de-obra entre as potências imperialistas.
- Discutir o período que corresponde de 1871 a 1914 como um momento de tensão entre os países europeus.
- Discutir a crise balcânica tentando entender na perspectiva de Ter desencadeado o conflito mundial.
- Discutir as políticas de alianças entre as nações imperialistas européias
- Discutir a perda da hegemonia política e econômica européia no cenário mundial
- Entender como se deu o envolvimento dos Estados Unidos na 1ª Guerra e quais foram os seus ganhos.

### CONTEÚDO:

- I. A grande guerra: as crises internacionais e a paz armada
- II. A grande guerra: o conflito europeu e mundial
- III. A primeira guerra mundial: uma guerra imperialista

### METODOLOGIA:

Aula expositiva com aplicação de estudo dirigido.

### RECURSOS DIDÁTICOS:

Quadro de giz, roteiro de aula.

## BIBLIOGRAFIA

ARRUDA, José Jalison de Andrade e PILETTI, Nelson. *Toda a História: História Geral e História do Brasil*. 4ª ed., São Paulo: Ática, 1996, pp. 261 a 269.

PEDRO, Antonio e CÁCERES, Florival. *História Geral*, 2ª ed. São Paulo: Moderna, 1982, pp. 286 a 296.

## ESTUDO DIRIGIDO

2º ANO CIENTÍFICO TURNO: MANHÃ

1. Comente, em linhas gerais, o período histórico europeu que antecedeu a Reforma Protestante.
2. Por que a Reforma religiosa não deve ser vista como resultado apenas da ação de Lutero e de outros reformadores?
3. Que medidas eram tomadas e recomendadas pela Igreja Católica no sentido de dar respostas as angústias e anseios da cristandade européia?
4. Fale sobre o papel dos reformistas na história da reforma religiosa (questão aberta).
5. Diga o que você entende por Contra-Reforma.



## ROTEIRO DE AULA

EDVALDO DE BRITO TRAJANO

Estagiário

TEMA: REFORMA RELIGIOSA

TURMA: 2º ANO CIENTÍFICO

1. **TENDÊNCIAS INTERPRETATIVAS:** Os mais atualizados trabalhos sobre a reforma concordam em afirmar que a reforma religiosa não foi resultado apenas da ação de Martinho Lutero e de outros reformadores que desejavam mudanças na Igreja Católica, visto que antes desses reformadores já havia toda uma crítica a Igreja. Daí o tema da reforma não ser pensado como um caso particular da rebeldia de Lutero contra a Igreja.
2. **PERÍODO QUE ANTECEDEU A REFORMA:** marcado por crise social, política e religiosa, provocando uma queda na produção, devido o enfraquecimento do solo, o que fez cair o índice de arrendamentos de terras boas, afetando a renda da população, a queda no abastecimento das cidades, gerando carestia. Isto provocou um instabilidade na produção e no consumo, tendo como resultado a fome. Teve repercussões diversas. Veja, por exemplo a peste negra, consequência da má alimentação, falta de higiene, etc. Como crise tem-se ainda as guerras, como por exemplo a guerra dos cem anos. Diante todo esse quadro de crise que se sucederam ao longo dos séculos XIV e XV, na Europa, tem-se ainda a questão do êxodo rural, que significa que muitos senhores e camponeses se viam obrigados a Ter que migrarem para as vilas, os povoados, o que aumentava mais ainda os problemas no setor urbano, causando mendicância, motins, revoltas, agitações, etc.  
Somando a todas essas crises tem-se a crise de ordem moral e espiritual, que gerava insegurança no presente e incerteza. Tudo isto abalava as referências morais e espirituais e além do mais afetava as relações familiares e de amizades, aumentando ainda mais o preconceito, o ódio contra os forasteiros, os judeus, que segundo a mentalidade eram os culpados, por isto, por serem conforme se acreditavam, os disseminadores do mal. Daí, as perseguições, as chacinas etc. Como resposta e explicação a todo esse conjunto de crise, como a fome as epidemias as guerras etc. A igreja Católica se pronunciava dizendo que a causa disto tudo pertencia ao plano religioso espiritual. Isto era, portanto, uma explicação religiosa. Daí, segundo a mentalidade propagada pela igreja, os castigos dados devido aos maus

comportamentos, já que os homens eram culpados. E esses castigos eram um sinal divino. Para reverter a situação, aplacar a ira de Deus era preciso fazer-se boas aleras, cumprir os mandamentos, fazer caridades, peregrinações, jogar indulgência.

3. **DIFUSÃO DA REFORMA:** Percebe que a igreja, com a sua doutrina das boas aleras não vinha conseguindo atender as necessidades e os anseios espirituais da cristandade europeia, não vinha conseguindo dá as respostas de um povo cristão. Lutero era um desses cristãos inconformado, angustiado. A reforma protestante defendida por eles e Calvino se diferencia das reformas defendidas pelos seus antecessores. Antes a discussão acerca das mudanças se dava em torno de questionamento clerical, nos seus aspectos administrativos, legal moral e intelectual, mas nunca uma reforma doutrinal. Então a reforma protestante foi uma tentativa de se dá uma resposta as inquietações da época, uma vez que a Igreja não vinha conseguindo dá. A sua difusão se deu através de vários credos, do Luteranismo na Alemanha, na Suécia, na Noruega e Dinamarca; e do Calvinismo na Inglaterra, Escócia, Irlanda, França, Suíça e Países Baixos. Nem sempre essa difusão que também tem o seu viés político na disputa pelo poder. O sucesso do protestantismo se deu por razões espirituais, religiosos, como a reforma doutrinal; por razões políticas com a coincidência da formação e consolidação dos Estados Nacionais que desejavam fortalecer o poder e desenvolver o Estado; por razões econômicas com a coincidência do processo de desenvolvimento da burguesia que apoiou a reforma uma vez que esta comungava com a moral dos burgueses que visavam lucros, vantagens pessoais, que por sua vez contrariava a moral católica que censurava as atividades financeiras.

#### **BIBLIOGRAFIA**

Luizetto, Flávio. Reformas Religiosas. São Paulo: Contexto, 1989 – Repensando a História p. 12-24.

## A GRANDE GUERRA: AS CRISES INTERNACIONAIS E A PAZ ARMADA

- 1871 – 1914 Países europeus vivem em sobressaltos (isto ameaça a paz)
  - França não esquecia a perda da Alsácia-Lorena para Alemanha
  - Atritos entre países balcânicos aumentam a rivalidade entre Rússia e Áustria, pois seus interesses se chocavam.
  - Crescia competição entre Inglaterra e Alemanha
- Resultados das rivalidades entre os países europeus
  - Leva a uma corrida armamentista
  - Crescimento dos contingentes militares
  - Aperfeiçoamento dos armamentos
  - Déficit no orçamento das nações
- Tentativas de preservar a paz
  - 1898 e 1907 – duas conferências em Haia, Holanda
  - Tentativa de limitar o armamento
- Sistema de Bismark
  - Até 1890, ele consegue isolar a França do resto da Europa
  - Entre 1871 – 1875 ele chegou a intervir diplomaticamente na política francesa
- Os choques imperialistas
  - Contribuíram para o choque mundial
  - Questões nacionais (França x Alemanha)
  - Questões de minérios nacionais
  - Progresso de parlamentarismo democrático, etc.
  - Luta por mercados, etc.
  - Busca desesperada por rotas e mercados mundiais
  - Concorrência entre Alemanha e Inglaterra
- Todas essas rivalidades geraram políticas de alianças
  - Para resolver as questões
  - O desentendimento entre essas alianças gerou a guerra

## A GRANDE GUERRA: O CONFLITO EUROPEU E MUNDIAL

- **CRISE Balcânica**

- Precipita a guerra entre a tríplice entente e a tríplice aliança;
- Toda a preocupação: produzir armas e equipamentos.

- **Origens profundas da guerra**

- Atritos agrupados em duas alianças antagônicas constantes entre as potências
- Ressentimentos, rivalidades políticas e econômicas.

Entente : França, Inglaterra e Rússia

Aliança: Alemanha, Áustria e Itália

F x A – França queria recuperar Alsácia-Lorena que Alemanha queria tomar para sempre.

A x I – Concorrência comercial se traduzia em rivalidade

A x R – Choque entre as rotas:

Constantinopla – Mediterrâneo x Berlim – Const. – Bagdá

R x Aus.

- **As alianças**

- Perigo entre os balcos
- Entre França e Inglaterra = perigo para a Alemanha

## QUESTÃO Balcânica

- Áustria e Rússia se desentendem na luta por territórios eslavos da Bósnia e Herzegovina.
- Entrada dos EUA na Guerra
- Forneciam ajuda financeira e militar a França e Inglaterra.
- Empréstimo, matéria-prima, alimentos.

- Política das alianças entre estados europeus
  - marcou todo o final do século XIX e início XX
  - iniciada por Bismark – queria isolar a França
- África – Palco de choque entre as potências
  - brigas por espaços para atuarem politicamente, economicamente e militarmente
- Ásia – palco de disputas entre as potências

Todos esses choques entre as potências fazem com que elas façam acordos, desrespeitem acordos, até chegarem a fazerem alianças maiores, tais como: triplice aliança (Alemanha, Áustria e Itália), Triplice Entente (França, Inglaterra e Rússia)

A crise Balcânica – desencadeou a guerra entre essas alianças juntamente como incidentes coloniais na África.

## ESTUDO DIRIGIDO

TURMA: 7ª A

TURNNO: MANHÃ

1. Que significados tinham os templos e sacerdotes na organização da vida econômica e social dos mesopotâmicos?
2. Que importância exercia os rios Tigre e Eufrates na vida dos mesopotâmicos.